



“ENTRE TAPAS E BEIJOS”: A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NOS PROGRAMAS POLICIAIS DA TELEVISÃO PERNAMBUCANA

Lúcia Helena Barbosa Guerra¹

Reflexões e ponderações

O foco deste artigo é a violência de gênero, dando ênfase na cobertura da imprensa televisiva pernambucana ao tema. Para realização da mesma me dediquei a assistir aos Programas Policiais, Ronda Geral exibido pela TV Tribuna afiliada da Rede Record e o programa Bronca Pesada da TV Jornal afiliada da SBT, analisando as notícias de crimes contra a mulher exibidos por eles e o discurso dos apresentadores.

É a imprensa que define os assuntos das nossas conversas no dia-a-dia e pelo o que pude perceber os apresentadores tem plena consciência de que não podem mais ficar indiferentes nem omissos a esta violência. A imprensa é uma fonte diária de informações sobre os homicídios e, em geral, oferece uma narrativa descritiva sobre os crimes que não se encontra em nenhuma das fontes oficiais. As notícias permitem a caracterização dos crimes, bem como a análise dos discursos dos envolvidos e posicionamentos produzidos pela própria imprensa.

A sociedade precisa uma relação quantitativa de harmonia e desarmonia, de associação e competição, de favor e desfavor, para chegar a uma forma determinada. (Simmel 1986).

Quase que diariamente é noticiado um caso de violência contra a mulher, mas para o espectador é apenas, mais uma fatalidade, quando os números são quantificados é que notamos a intensidade deste problema. E como a imprensa televisiva precisa de personagens para dar depoimentos, nem todos os casos são noticiados. No caso da violência contra a mulher, à personagem principal muitas vezes quer falar para ajudar outras mulheres que vivem a mesma situação, mas tem vergonha de se expor em frente às câmeras. Durante a pesquisa foram noticiados apenas 29 (vinte nove) casos de violência contra a mulher. Digo “apenas”, por que no mesmo período foram registrados mais de 600 casos de violência contra a mulher no Estado de Pernambuco. Minha análise orienta-se na direção desses crimes noticiados, onde podemos identificar as circunstâncias em que os mesmos ocorreram e o modo que são divulgadas pela imprensa.

¹ Graduada em Ciências Sociais e Mestranda em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Contato: luciaguerra.ufpe@gmail.com.



Em 1985 a taxa de mortalidade por homicídios no Brasil era de 14,6 mortes por 100 mil habitantes, já em 2003 esta taxa passou para 28,16/100 mil habitantes, dos quais 8% eram mulheres. Nos últimos vinte anos os números de violência só têm aumentado, ao mesmo passo que aumenta a população, sua complexidade e as desigualdades sociais, o que para Adorno (2002) seriam as possíveis causas para o crescimento das taxas de violência. A ausência de informações oficiais é um indicativo do modo como o problema não é tratado no plano governamental e nos leva a buscar informações em outras fontes. Pretendo neste artigo analisar a situação dos homicídios de mulheres em Pernambuco a partir de informações veiculadas pela imprensa televisiva, mais especificamente os Programas Policiais da televisão local. A discussão que proponho, diz respeito ao impacto trazido por eventos cada vez mais frequentes de violência sobre o cotidiano do estado de Pernambuco.

A população está assustada com a violência crescente e impune não apenas contra a mulher, tememos também pela nossa família e pela nossa própria segurança, medo que repercute nos atos da nossa vida cotidiana. Busquei ir além dos fatos, dos comentários sobre os crimes recentes, comparando o fenômeno de violência contra a mulher no restante do Brasil. Conduzi minha reflexão sob as luzes lançadas sobre o conflito numa visão antropológica, sei que a minha análise é limitada tanto do ponto de vista das fontes de informações quando do curto período de tempo analisado, mas acredito, porém, que a mídia tem um poder muito grande em nossa sociedade e que vale a pena dar atenção ao enfoque que ela dá a questão da violência contra a mulher. Afinal, infelizmente o que vemos nestes programas não é ficção e sim a mais pura realidade.

Quando a Mulher vira notícia

De acordo com as Estatísticas do Departamento de Polícia da Mulher, durante a pesquisa 31 mulheres foram assassinadas em Pernambuco, mas apenas 14 desses homicídios foram noticiados na mídia. A partir do monitoramento das notícias, posso dizer que a violência contra as mulheres é manchete quando acontecem:

Tipo de Violência	%
Homicídio	58,6
Violência Física ²	17,2
Tentativa de Homicídio	10,4
Violência psicológica ³	7,0

² Violência Física (Estapear, sacudir, bater com o punho ou com um objeto, estrangular, queimar, chutar, ameaçar com faca ou revólver).



Violência Sexual⁴ 6,8

Podemos perceber no quadro geral que o homicídio além de ser a expressão mais trágica da violência, também é o que apresenta a maior visibilidade pela imprensa (58,6%). Trabalho aqui todos os crimes noticiados de maneira mais ampla possível, mostrando além dos homicídios os outros tipos de violências sofridas pelas mulheres. Durante muito tempo, o debate esteve restrito apenas a violência e o que quero é ampliar a compreensão do problema, lançando o olhar na forma como a imprensa trata esta violência. Reafirmo que não pretendo descrever o universo dos crimes cometidos contra as mulheres em Pernambuco, mas tão somente daqueles que foram noticiados pela imprensa televisiva do estado durante período da pesquisa. Destes, cerca de 75% aconteceram na Região Metropolitana do Recife, e é a capital que apresenta o maior número de homicídios, com nove dos dezessete casos noticiados.

CIDADE	%
Recife	52,0
Jaboatão	8,0
São Lourenço	8,0
Limoeiro	8,0
Olinda	4,0
Garanhuns	4,0
Arcoverde	4,0
Petrolina	4,0
Caruaru	4,0
Paulista	4,0

Nos casos de homicídio, os principais meios utilizados pelos agressores são as armas de fogo, sendo responsáveis por 45% de todos os casos.

TIPO DE ARMA	%
Arma de Fogo	45
Arma Branca	23
Pedaços de pau ou Pedras	19
Fios ou cordas	13

Vale à pena ressaltar que a taxa de homicídios cometidos contra as mulheres com armas de fogo de Pernambuco, é a segunda mais elevada do país, superada apenas pelo estado de Rondônia (MS/SVS, 2005). Quanto ao perfil do agressor, a maior parte continua sendo formada por parceiros 51,7% (namorado, marido, companheiro e ex-companheiro), concentram-se nas faixas etárias acima de 35 anos. Dentro de casa os agressores se sentem protegidos, acima da Lei⁵, o ditado “*Em briga*

³ Violência Psicológica (Cárcere Privado, isolamento dos outros, ciúme excessivo, controle das atividades da parceira, agressão verbal, perseguição, ameaças de violência, deprecição e humilhação constante ou intimidação através da destruição da propriedade).

⁴ Violência Sexual (Sexo através de ameaças ou intimidação, de força física, forçar atos sexuais não desejados, forçar atos sexuais na frente dos outros ou com outras pessoas).

⁵ Bárbara Musumeci no livro “Mulheres invisíveis: Violência conjugal e novas políticas de segurança”.



de marido e mulher não se mete a colher” é o símbolo da negligência da sociedade em relação à violência doméstica.

RELAÇÃO DO AGRESSOR COM A VÍTIMA	%
Parceiro	51,7
Desconhecido	34,5
Filho	6,8
Vizinho	3,5
Genro	3,5

A violência perpetrada por parceiros geralmente ocorre durante um período longo e de intenso sofrimento físico e psíquico. Remetendo a uma forma de violência cotidiana, que se dá na convivência íntima e diária da vítima com o agressor. A vítima convive e sofre constantemente suas ameaças e ainda se sente obrigada a manter relações sexuais, são esse tipo de aspectos que dão mais força a gravidade do problema.

Ela apanhava do companheiro há vinte anos (...) já havia prestado quatro queixas contra ele (...) ele a espancou mesmo estando grávida de um filho seu. Vendedora, 45 anos, espancada pelo ex-companheiro de 52 anos - Caso noticiado no Bronca Pesada (TV Jornal/SBT)

Dos 29 casos noticiados pela imprensa, 52% aconteceram em no âmbito privado. Estas ocorrências no ambiente da vida doméstica são fortemente legitimados graças à persistência da dominação masculina.

A vítima convive com o agressor há dez anos, desde o início do casamento ele a agredia (...) ela trabalha e sustentar a casa (...) levou uma surra do marido por ter ido ao centro da cidade comprar um sapato. Doméstica 28 anos, agredida pelo marido (desempregado) de 30 anos - Caso noticiado no Bronca Pesada (TV Jornal/SBT).

Geralmente as teorias do conflito e da violência propõem que, quando esgotam os argumentos para manejar os conflitos, aparece a violência como uma forma de resolvê-los usando a força (Gómez, 2005). Além da dependência financeira e emocional, muitas mulheres têm histórico de violência vivida em casa por sua mãe, e são criadas para aceitar tal situação, perpetuando uma mentalidade punitiva em relação às mulheres e a omissão diante da agressão. Essa lógica também opera através da idéia de que a violência masculina poderia ser justificada pela conduta feminina “*indevida*”, no campo da sexualidade ou na vida doméstica e familiar.

Os três rapazes iam passando de carro pela Av. Conde da Boa Vista, quando viram a moça e a confundiram com uma prostituta (...) ela foi espancada e esta em estado grave na UTI do Hospital da Restauração (...) eles foram presos em flagrante por tentativa de homicídio. Janaina 30 anos, agredida por José Vidal 30 anos, Leandro 26 anos e Natanael 18 anos, os mesmos nem conheciam a vítima. - Caso noticiado no Ronda Geral (TV Tribuna/RECORD).

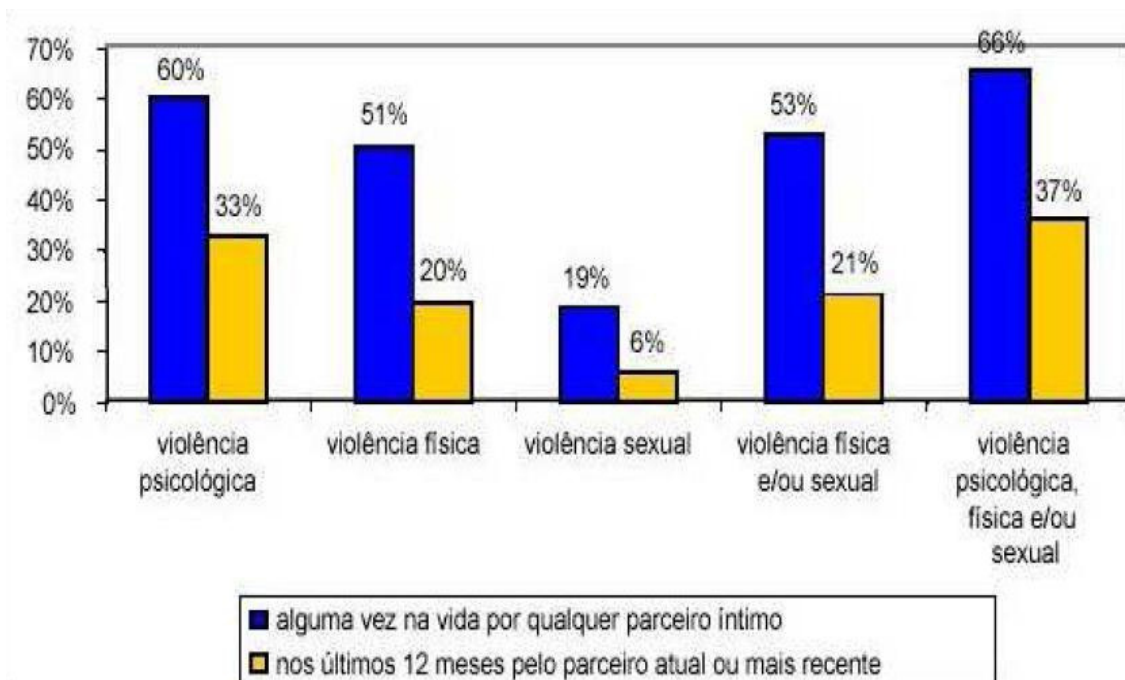
A velha relação entre cultura patriarcal, machismo e criminalidade assume uma nova forma, seria o que Giddens (1995) chama de “*machismo pós-moderno*”. O machismo patriarcal ganha nova



roupagem nas periferias, na figura do jovem envolvido com o crime e na valorização de símbolos de força e poder como armas e roupas de grife.

O filho de 19 anos jogou uma Televisão na mãe... uma dona de casa de 55 anos (...) o agressor era usuário de drogas e de acordo com a mãe estaria envolvido com o crime (...) a agressão ocorreu por que ele já estava cheio da mãe ficar lhe dando conselhos. Caso noticiado no Bronca Pesada (TV Jornal/SBT).

A maior parte dos agressores continua sendo formada por familiares e conhecidos da vítima, mas os desconhecidos responderam por 34,5% de todos os casos noticiados. Dos 17 (dezessete) homicídios noticiados 47% foram cometidos por pessoas desconhecidas da vítima. De acordo com a imprensa o principal motivo de homicídios de mulheres cometidos por desconhecidos foi o Estupro 50,0%, mas também surge no discurso veiculado pela mídia a relação do crime com o envolvimento da vítima com as drogas (37,5%) os números têm como base as informações dos próprios familiares. A autoridade dos Grupos de extermínios e dos traficantes é baseada na força e na violência, legitimando a autoridade masculina na vida privada, presente constantemente nas classes baixas. Geralmente, a violência do homem sobre a mulher se dá no contexto íntimo (52%), o que acarreta uma desvantagem para a mulher, já que esta fica numa posição de submissão e controle. No âmbito da violência doméstica (praticada por parceiro íntimo – 51,7%) há geralmente a presença constante e cíclica de três formas de violência contra a mulher. O gráfico abaixo faz parte de uma pesquisa⁶ efetuada com pacientes do SUS em Recife, e mostra q das mulheres entrevistadas 66% já sofreram algum tipo de agressão:



⁶ Resultados da Pesquisa, relativos à cidade do Recife: Saúde da Mulher, Relações Familiares e Serviços de Saúde do Sistema Único de Saúde (SUS) em duas Capitais – Recife e São Paulo, São Paulo, USP-FM, 2007.



Sensacionalistas ou formadores de opinião

A imprensa não apenas define “sobre o que se fala”, mas especialmente “o que se fala”, divulgando opiniões, argumentos e influenciando o público. Durante muito tempo, a sociedade e as instituições brasileiras assistiram a violência contra a mulher em silêncio, da mesma forma que elas ficavam sem poder denunciar seu agressor. Afinal, as agressões atingem majoritariamente as mulheres negras e moradoras de periferias ou favelas dos grandes centros urbanos. Esta realidade vem mudando, neste contexto a mídia também mudou, boa parte dessa mudança ocorreu graças ao trabalho do movimento feminista. Hoje o tema é tratado com respeito e observamos uma clara rejeição a esse fenômeno por parte dos jornalistas, eles perceberam que ficar indiferente é o mesmo de ser cúmplice. Mas a mídia ainda trata estas notícias de violência contra a mulher apenas numa perspectiva de cobertura policial, é fundamental uma mudança na abordagem passando a tratar o tema da violência contra a mulher como uma questão de direito e de políticas públicas. O que chama a atenção é a absoluta ausência de matérias sobre políticas de segurança, campanhas e direitos humanos, durante toda a pesquisa só ouve uma matéria deste tipo sobre violência contra a mulher. Desta forma o governo não sofre pressão quando predomina o jornalismo factual em que o crime do dia é substituído pelo do crime do dia seguinte. Neste artigo, apresento os resultados encontrados, esperando que eles possam suscitar um debate enriquecedor e ajudar na compreensão dos fenômenos da violência em Pernambuco e para a construção de políticas que possam enfrentá-los. Pelo que analisei na pesquisa posso afirmar que parte significativa da cobertura dos atos violentos pela mídia depende exclusivamente das fontes policiais. Predomina o tratamento factual das matérias - que é extremamente superficial - pouco contextualizado e com apelos sensacionalistas. A imprensa vive criticando a polícia que vive correndo atrás dos criminosos, mas não consegue prevenir o crime. A mídia vive a mesma contradição, sempre denunciando a violência existente, mas não toma a frente do grande papel da imprensa que é o de cobrar ações eficazes do Estado. É preciso estimular a responsabilidade social da imprensa, alertando e conscientizando os jornalistas, para que os mesmos desempenhem um papel cada vez mais importante no debate, influenciando a opinião da sociedade e pressionando o Estado. A presença ainda tímida da sociedade civil organizada, dos conselhos de garantia de direitos e de outros operadores importantes da justiça criminal acaba por limitar o debate e os enfoques a serem desenvolvidos pela cobertura. Conforme já assinalado, a presença ainda tímida da sociedade civil organizada acaba por limitar o debate e os enfoques a serem desenvolvidos pela cobertura da imprensa e a criação de políticas públicas pelo governo. Vários avanços foram conquistados na luta em defesa dos direitos das



mulheres, o principal seria a aprovação da Lei Maria da Penha (Lei 11.340), afinal a integridade da mulher não pode ser trocada por uma cesta básica. Tentei mostrar neste artigo uma das grandes formas de violência existente na sociedade e que frequentemente acontece sob os nossos olhos, porém, perto demais para ser percebida e criticada (Chauí, 1998). Uma mulher que é espancada diariamente, não apreende que esta sendo vítima de violência, a idéia é reduzida a uma condição de vida perpetuada por relações sociais de extrema desigualdade econômica, social e cultural. Assim, a violência mostrada pela mídia está tão naturalizada nas relações sociais que a sociedade em geral, especialmente os mais vulneráveis econômica e socialmente, não consegue percebê-la e desvencilhá-la.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Sérgio. Exclusão socioeconômica e violência urbana. *Sociologias*, n.8 Dez 2002.
- CHAUÍ, Marilena. *Ética e Violência. Colóquios Interloquções com Marilena Chauí*. São Paulo, 1998.
- GIDDENS, Anthony, *As Conseqüências da Modernidade*. Oeiras: Celta Editora, 1995.
- GOMEZ, Elizabeth. *Entre amores y moretones. Violência física contra mujeres en el âmbito intra familiar. Tese de Mestrado em Sociologia pela Universidade Del Valle, Colômbia, maio de 2005.*
- LIMA, Maria Luiza C de SOUZA, XIMENES, Edinilsa Ramos, *Evolução de homicídios por área geográfica em Pernambuco entre 1980 e 1998. Revista Saúde Pública. Agosto 2002, vol.36, no.4*
- MAUSS, Marcell. *Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de 'eu'*. In: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Saúde Brasil 2005: Uma Análise da Situação de Saúde no Brasil*. Brasília, DF: Secretaria de Vigilância em Saúde - Departamento de Análise da Situação em Saúde, 2005.
- MUSUMECI, Bárbara. *Mulheres Invisíveis: Violência Conjugal e Novas Políticas de Segurança*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- NAVES, Rubens; QUARTIM de Moraes, Maria Lygia (orgs) *Advocacia pro bono em defesa da mulher vítima de violência*. São Paulo, Imesp. 2002.
- RAMOS, Sílvia e PAIVA, Anabela. *Mídia e Violência: Como os Jornais Retratam a Violência e a Segurança Pública no Brasil, Relatório Preliminar de Pesquisa*, RJ, CESEC, 2005.
- SARTI, Cíntia. *O valor da família para os pobres*. In I. Ribeiro & A. C. T. Ribeiro (Org.), *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola. 1995.
- SCHRAIBER, L B et al. *Saúde da Mulher, Relações Familiares e Serviços de Saúde do Sistema Único de Saúde (SUS) em duas Capitais – Recife e São Paulo*, São Paulo, USP-FM, 2007.



SIMMEL, Georg. Sociologia, estudos sobre las formas de socialización. Madri: Alianza Editorial, 1986.

TELES, Maria A. de Almeida; MELO, Mônica. O que é violência contra a mulher. São Paulo: Brasiliense. 2002.